



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após inauguração da Unidade de Petrópolis do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Rio de Janeiro - Cefet/RJ

Petrópolis-RJ, 13 de setembro de 2008

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, deixem-me dizer para vocês: na quinta-feira falei com o presidente Evo Morales, com a presidenta Cristina, com o presidente Chávez. Ontem falei com a presidenta Michelle Bachelet. Tinha acertado com o presidente Evo Morales que o Grupo de Amigos da Bolívia iria até La Paz para conversar com ele e com outros setores políticos da Bolívia. Acertei com o companheiro Evo Morales. Como o Celso Amorim se submeteu a uma cirurgia aqui no Rio de Janeiro, iriam o secretário-geral do Itamaraty, Samuel Pinheiro, e o Marco Aurélio Garcia. Quando eles estavam prontos para ir, recebemos um telefonema do Pablo Sólon, da Bolívia, dizendo que eles entendiam que não era o melhor momento para ir à Bolívia fazer negociação. Então, suspendemos a viagem dos países 'Amigos', que é composto por Brasil, Argentina e Colômbia.

Perguntei ao Evo Morales o que ele achava que o Brasil poderia fazer, porque quando tem uma crise em um país, o Brasil não pode ficar dando palpite sobre o que tem que ser feito. O Brasil só pode fazer aquilo que o povo boliviano quiser que faça, ou o que o governo quiser que faça.

Penso que a Bolívia, os políticos da Bolívia, os líderes da Bolívia precisam compreender que a Bolívia só tem uma chance para se desenvolver e para melhorar a vida do povo boliviano, que é, primeiro, consolidar o processo democrático, respeitar a Constituição. Acabou de ter um novo referendo, o Evo



Morales foi referendado pelo povo boliviano. Penso que a oposição precisa fazer a manifestação que quiser, mas não é possível aceitar a violência, não é possível aceitar práticas de quebrar gasoduto, prejudicando os seus parceiros, como o Brasil e a Argentina.

O apelo que faço ao governo da Bolívia, ao povo da Bolívia e à oposição é que sentem em torno de uma mesa. Eles vão perceber que é muito mais fácil encontrar uma solução negociada do que permitir que o povo fique se enfrentando na rua. Já temos, aí, 11 mortos, não temos as notícias verdadeiras ainda, uns falam em 10, outros falam em 12. Mas, de qualquer forma, não deveríamos ter nenhum morto na Bolívia e em nenhum outro país. A melhor solução para resolver um conflito é a negociação.

Por isso, queria fazer um apelo ao povo boliviano, aos empresários, aos trabalhadores, ao governo e à oposição para que permitam que a Bolívia encontre o seu próprio destino, fortalecendo a sua democracia, fortalecendo as instituições e, ao mesmo tempo, se desenvolvendo. A Bolívia precisa disso, porque é um país pobre e precisa se desenvolver.

Recebi a informação hoje de manhã, pelo meu assessor, de que está sendo convocada uma reunião no Chile. Se a reunião estiver mantida, eu vou ao Chile. Agora, é importante que a gente tenha clareza do seguinte: nós não temos o direito de tomar nenhuma decisão sem que haja concordância do governo boliviano e da oposição ao governo boliviano. Afinal de contas, são eles que têm que nos dar o paradigma da nossa participação porque, senão, será ingerência de um país na soberania de outro país, e isso o Brasil não fará em hipótese alguma.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Num primeiro momento foi. Havia a perspectiva de que nós perderíamos 15 milhões de metros cúbicos. Depois descobrimos que a válvula



não tinha sido danificada, apenas tinha sido paralisada, acho que até automaticamente, depois que houve pressão das pessoas nas válvulas, e voltou à normalidade. Ontem conversei com o ministro Lobão, as coisas estão voltando à normalidade, os danos serão, eu diria, bem insignificantes.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Essa reunião seria na segunda-feira, às 3 horas da tarde.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Se a reunião estiver mantida, vou ao Chile. Eu liguei para o ministro Celso Amorim agora. Pedi para ele ligar para as pessoas para saber o seguinte: nós vamos reunir um conjunto de presidentes para quê? Não podemos tomar decisão pela Bolívia. É preciso que a Bolívia nos dê o parâmetro. Nós vamos nos reunir para decidir alguma coisa, desde que essa coisa interesse à Bolívia. Por isso, temos que saber o que a Bolívia deseja que a gente faça.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não posso dizer o que podemos fazer. Eu só posso dizer que, se os países seguissem o exemplo que o Brasil está dando... Nada melhor do que fortalecer a democracia e muita paz para a gente desenvolver o país, gerar emprego e distribuir renda. É isso o que eu quero para todos os países.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: O que o Brasil pode fazer é um apelo à Bolívia de que temos



acordo, temos contrato e, portanto, esse contrato tem que ser respeitado. E eu já ouvi pronunciamento do presidente Evo Morales de que não vai permitir – e colocou o Exército lá – que o patrimônio público seja danificado. Afinal de contas, não é prudente destruir o pouco que se tem, que permite desenvolver o país, sem danificar.

Então, espero que o Evo Morales esteja tranqüilo. Espero que o povo boliviano compreenda que a Bolívia não precisa de muito confronto interno, a Bolívia precisa de muita democracia, de muito desenvolvimento, e é isso que queremos ajudar que aconteça na Bolívia.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Se a fronteira ficar fechada quem perde é o país mais pobre, não é o Brasil. Nós não queremos fechar a fronteira um minuto. Se eles estão fechando, se os bolivianos que participam do movimento estão fechando, eles têm que saber que isso é prejudicial a eles e não ao Brasil.

Vou terminar dizendo o seguinte: o que quero, na verdade, é que a Bolívia viva tranqüila. É um país pobre. O Evo Morales foi eleito democraticamente pelo povo. A oposição tem direito de fazer oposição, mas tudo tem limite porque, se extrapolar o limite, todo mundo perde. Eu acho que na Bolívia não tem que todo mundo perder, tem que todo mundo ganhar, porque a Bolívia precisa disso.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Tudo o que vier de informação, que não haja uma confirmação, me desculpem, no papel de Presidente, não posso comentar. Disseram isso e o comandante do Exército desmentiu. Então, prefiro acreditar no comandante do Exército.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Já falei para vocês uma vez: essa história de grampo seria tão fácil resolver se vocês, em vez de perguntar para mim, fossem perguntar para quem fez a matéria da revista que publicou. Tem um cidadão que escreveu a matéria e disse que uma fonte disse para ele, ele sabe quem é. A única coisa que posso fazer é investigar. Se ele contasse para vocês o nome da pessoa que disse para ele que houve o grampo, ficaria tudo mais fácil. Mas, em nome de uma suposta fonte, está o governo tendo um trabalhão imenso para fazer uma investigação. No dia que a gente tiver uma solução, a gente conta.

Vocês poderiam, com a mesma vontade que têm de perguntar para mim, perguntar para o jornalista que escreveu a matéria quem é a fonte que disse que teve o grampo, e aí estaria tudo resolvido.

Jornalista: Seria o caso de o Brasil endurecer um pouco para (inaudível) garantir o cumprimento do contrato pela Bolívia?

Presidente: Eu acho que a Bolívia está cumprindo. Não é uma disposição do governo boliviano. Quando, no Brasil, a gente entrava em greve, a indústria automobilística parava de produzir carro, e ela também não conseguia exportar o que tinha comprometido. E isso, todo governo aceita.

O contrato com a Bolívia está mantido, o governo cumpre o contrato, ele vai até 2019. Agora, manifestantes, contra a vontade do governo, foram tentar interromper, não apenas com o Brasil, mas com a Argentina, o que eu acho um equívoco tremendo, pois é uma das grandes fontes de riqueza da Bolívia, e a Bolívia precisa vender o gás para poder melhorar a vida do seu povo.

À tarde vou conversar com o Celso Amorim. Hoje ainda vou ligar para a presidenta do Chile, Michelle Bachelet, porque essa reunião só tem sentido de



acontecer se houver um pedido da Bolívia, com uma proposta. Se as duas partes não estão pedindo que nós nos reunamos, e nós tomarmos uma decisão e nenhuma das partes acatar, a reunião terminará sendo inútil.

Então, quero o bem da Bolívia, quero o bem do povo da Bolívia e quero paz na Bolívia. Por isso, apelo aos meus amigos bolivianos: pelo amor de Deus, se com paz já é difícil a gente desenvolver e crescer, com conflito é muito pior.

Um abraço e bom final de semana.

(\$31EGJLP)